

CEDI

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: 2352

Data: 17/08/91

Pg.: \_\_\_\_\_

Sílvio Meira

## Os Ianomamis do asfalto

Ninguém, em sã consciência, neste país, pode ser contrário às medidas governamentais no sentido de dar aparato aos silvícolas. Parte integrante da nacionalidade, as tribos indígenas vêm absorvendo a atenção de homens e entidades, há muitos anos. Tornou-se quase lendária a figura de Cândido Rondon. Não menos lendária é a de Couto de Magalhães, autor do livro "O selvagem". Numerosos antropólogos do passado poderiam ser citados, entre eles, um nome que agora nos ocorre, o de Roquette-Pinto.

O que não é admissível, no entanto, é que, em nome da defesa dos índios, se cometam exageros e até mesmo injustiças para com outras categorias sociais, como está ocorrendo, no momento, com relação aos garimpeiros.

Há muitas motivações para o que vem acontecendo no nosso país. Rondon, Magalhães e Roquette Pinto nunca foram contra a aculturação do índio, o ensino da nossa língua, a adaptação aos nossos costumes, a sua integração total à grande comunidade brasileira. Afinal de contas, nós, brasileiros de quatro costados, somos, em grande parte, mamelucos. Mais mamelucos do que mulatos. Isso não se revela à primeira vista em virtude do desaparecimento gradual dos traços fisionômicos indígenas no cruzamento com o branco. Há muitos loiros de olhos azuis, neste país, que têm nas suas veias sangue índio. E disso se orgulham.

Este artigo tem como motivação a angustiante questão referente aos Ianomamis, tribo indígena que se localiza na fronteira com a Venezuela. Do lado brasileiro, há cerca de 3.000 selvagens, do lado da Venezuela, 4.000. O contingente venezuelano é bem maior, muito maior, conforme se verifica pelas estatísticas irrefutáveis da publicação *Indiens D'Amazonie*, Musée d'Ethnographie - Geneve - Suíça - com estudos de René Fuerst, A Jeanneret e D. Schoepf, depois de longa investigação *in loco*.

Dizem esses cientistas que os Ianomamis se distribuem em vários grupos, sempre hostis entre si, porquanto vivem em lutas constantes e são nômades. Os alarmantes noticiários dos jornais dão-nos como enfermos, muito enfermos, com doenças típicas da selva, que a reportagem internacional, invertendo causas e efeitos, atribui a contactos com os civilizados.

Por que essa grita internacional contra o Brasil, poupando a Venezuela, onde vive

a maior parte desses silvícolas?

É que do lado brasileiro, mais do que além fronteira, existe assombrosa quantidade de minérios, especialmente ouro, urânio e diamantes. O que se visa não é, em rigor, a proteção ao ser humano perdido nas florestas, mas a riqueza da região.

Por quê não se grita contra as outras nações amazônicas, onde também há tribos enfermas, como a Colômbia, o Peru, a Venezuela, a República da Guiana, o Suriname e a Guiana Francesa, enclave colonial na América Latina, triste exemplo de colonialismo que ninguém combate? Do lado de lá do Oiapoque há também ataque à pureza florestal, existem minerações, logo acima de Clevelândia (S. Jorge) minerações exploradas por negros guianenses. Por que não se inclui na programação da ECO-92 um pleito pela independência da Guiana Francesa, em nome da democracia, dos direitos humanos e da ecologia?

As condições de vida nessa Guiana sempre foram subumanas. Conhecemo-la de perto. Em 1975 lá estivemos e denunciámos a existência de milhares de brasileiros vivendo como párias, cujo trabalho havia sido utilizado na construção da base do Courrou e depois dispensados, com o término das obras. Um navio de guerra brasileiro repatriou, logo em seguida, cerca de 2.000 pessoas, que viviam em extrema miséria. A essa altura as entidades apologistas dos Direitos Humanos não tiveram olhos para ver e nem ouvidos para escutar.

Agora indagamos, voltando aos Ianomamis — por que reservar nove milhões de hectares para três mil (3.000) índios enfermos? O argumento de que são nômades é risível. Serão três mil índios a fazerem *footing* pela floresta.

Além do mais, a demarcação, que é caríssima, ultrapassaria até os gastos com a possível remoção desses silvícolas enfermos para outra área mais sadia, na própria Amazônia, o que é permitido pela Constituição Federal, em seu artigo 231, § 5º: "É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, *ad referendum*, do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população ou no interesse da soberania do país, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o risco".

Dizem os jornais que aqueles índios estão morrendo de inanição com febres em

caráter epidêmico. Seria o caso de aplicar o preceito constitucional, removendo-os para lugar mais saudável e mais perto do socorro médico e hospitalar.

Além do mais, há uma questão relacionada com a soberania nacional? O habitante da fronteira não tem noção de pátria. Para ele tanto faz estar do lado de cá ou do lado de lá. Isso vem sendo utilizado como argumento para falar-se até em "Nação Ianomami", argumento que se poderia adaptar às questões de fronteiras em todo o mundo. Por que não se aplica o mesmo argumento aos Bascos, metade espanhóis e metade franceses? Há outros exemplos europeus que deixamos para outro artigo.

O interesse que vêm demonstrando grandes potências por esses depauperados 3.000 índios não tem fundamento humanitário.

Nações que dizimaram os seus índios, no passado, outras que provocaram guerras em que milhões de seres humanos tiveram morte terrível, não dispõem de autoridade moral para intervir em problema que é tipicamente nacional, dentro dos limites de nossas fronteiras. Só ali trabalham 40.000 garimpeiros, cidadãos, reservistas e eleitores.

Se observarmos o panorama das grandes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e outras, vamos verificar que existem, não três mil, mas alguns milhões de seres humanos em extrema miséria, pedindo esmola pelas ruas ou realizando assaltos.

Basta correr as vistas pela praia do Copacabana, nas proximidades dos hotéis de luxo. À noite, homens, mulheres e crianças dormem ao relento, às vezes aproveitando o calor das bocas de descarga de vapor. Por todo lado. Em frente ao Othon Palace, na Copacabana Palace, e no centro, na esquina da Augusta Severo em frente do Instituto Histórico, por todo lado, existem milhares de Ianomamis do Asfalto, que não desperdam os sentimentos de solidariedade das entidades internacionais e nem mesmo dos governos. Ainda há poucos dias, vimos um homem morrendo de inanição em frente do prédio da Academia Brasileira de Letras, na rua, sem que ninguém o socorresse, em plena manhã ensolarada.

Para esses Ianomamis não há Congressos. É que eles não dormem em cima de minas de ouro ou de urânio. Se o leito é a própria miséria.